

Os estudos de gênero e masculinidade e seus reflexos para a Educação Física

Studies of gender and masculinity and its consequences for Physical Education

PEREIRA, E G B; PONTES, V S; RIBEIRO, C H de V; SAMPAIO, T M V. Os estudos de gênero e masculinidade e seus reflexos para a Educação Física. **R. bras. Ci. e Mov** 2015;23(1):146-156.

RESUMO: As relações sociais de gênero podem reproduzir estereótipos, preconceitos, resistências e até mesmo novos valores e atitudes que desvendam as visões dominantes sobre as relações entre homens e mulheres na sociedade atual. Este ensaio tem como objetivo refletir as identidades e os desdobramentos das masculinidades e feminilidades para a área da Educação Física. Pretendemos dar contributo ao meio acadêmico, com uma discussão ao alcance de propostas centradas na construção social das masculinidades e feminilidades a partir dos estudos de gênero. A literatura abordada permite inferir que deveria haver maior preocupação por parte dos estudiosos e professores com relação às questões de gênero no espaço da Educação Física, por este propiciar uma maior liberdade de ação e expressão lógico-crítica e a vivência plena da corporeidade humana.

Palavras-chave: Gênero; Identidades; Educação Física.

ABSTRACT: Gender social relations can reproduce stereotypes, prejudices, resistances and even new values and attitudes that unveil the dominant views on the relations between men and women in society. This descriptive review aims to reflect the identities and the unfolding of masculinities and femininities in the area of physical education. We want to give contribution to academia, with a discussion of proposals focused on social construction of masculinities and femininities from gender studies. The literature addressed allows inferring that there should be greater concern on the part of scholars and teachers with respect to gender issues within the physical education, by this provide a greater freedom of action and expression critical logic and experience full of human embodiment.

Key Words: Gender; Identities; Physical Education.

Erik Giuseppe Barbosa Pereira¹
Vanessa Silva Pontes¹
Carlos Henrique de Vasconcellos
Ribeiro²
Tânia Mara Vieira Sampaio³

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro

²Universidade Gama Filho

³Universidade Católica de Brasília

Recebido: 22/03/2014

Aceito: 28/10/2014

Contato: Erik Giuseppe Barbosa Pereira - egiuseppe@eefd.ufrj.br

Os estudos de gênero em perspectiva histórica

O processo desse texto foi sendo construído por meio do diálogo e vivências de gênero e corporeidade que ocupam há alguns anos os estudos na área da Educação Física em diálogo com as ciências sociais¹⁻³. O instrumental de análise que está na base desta revisão de literatura, crítica e descritiva é a categoria de gênero a qual permite entender as construções de identidades masculinas e femininas, problematizando as construções sociais e propondo a desnaturalização destas.

O entendimento de gênero que perpassa o texto encontra alicerce em Scott⁴ (p.75) que o entende como uma “forma de indicar 'construções culturais' a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres [...]. Gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”.

A concepção das relações sociais de gênero apresenta-se como um novo paradigma, capaz de não simplesmente visibilizar mulheres e/ou grupos oprimidos, mas de iluminar as descobertas sobre a estruturação das opressões e dos jogos de poder que organizam discursos normativos e estabelecem controles sociais, inclusive na produção dos saberes⁵ (p.128).

A literatura aponta que essas investigações têm se mostrado um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências^{6, 4-23, 5}. Na tentativa de reconstruir experiências excluídas, várias áreas do saber têm socializado o conhecimento produzido tendo em conta o gênero como categoria de análise capaz de enfrentar as relações sociais de poder, que não raras vezes inferioriza mulheres em relação a homens e afirma uma “heteronormatividade” como caminho único de construção de identidades.

Segundo Deive et al.¹⁷, com respaldo em Louro²⁴, as questões relativas ao gênero começaram a ser investigadas com a devida profundidade a partir da década de 1970, o que as tornam recentes no que diz respeito à sua historicidade e aos seus estudos científicos. Desde este período, muitos pesquisadores criticam a confusão teórica entre sexo e gênero, como denuncia Agripino Luz Júnior²⁵ em seu livro *Educação Física e Gênero: olhares em cena*. É fundamental que se perceba na categoria gênero sua transcendência de análise sobre a

realidade das mulheres, por que estas existem em relação a homens e a outras mulheres e não em si mesmas. Nesse processo de corporeidade em relações é que se constroem masculinidades e feminilidades como identidades culturais.

A pesquisa de Deive et al.¹⁷ mapeou o estado da arte em que se encontravam os estudos de gênero na Educação Física e permitiu inferir que tais estudos têm abordado prioritariamente as mulheres, cuja importância ganhou vulto no auge dos estudos feministas, de 1970 a 1980, e vem sendo mantidos como foco dos estudos de gênero até os dias atuais, evidenciando algumas lacunas no conhecimento e confusões teóricas entre “estudo das mulheres” e “estudos de gênero”. Superar esta confusão é um movimento importante para que os estudos das relações de gênero nos permitam identificar a realidade vivida pelos homens também. Uma realidade que leva a construção de uma identidade muitas vezes para contrapor-se a uma matriz de gênero feminina da qual se quer que os homens tomem distância a todo o custo, não havendo espaço para perceber-se a pluralidade de feminilidades e masculinidades que são cada vez mais possíveis nos dias atuais^{22,5,26,27}.

Quando resgatamos a trajetória histórica acerca dos trabalhos que deram os primeiros e grandes passos na questão do gênero masculino, marcadamente a partir de meados da década de 90, a saber: os estudos de Messner; Sabo²⁸ e de MacDonald²⁹; e em nível nacional, como os de Guedes^{30,31}, Nolasco³²⁻³⁴ e Cunha Júnior³⁵. Recentemente, as pesquisas de Knijnik; Machado³⁶, Melo; Vaz³⁷, Monteiro³⁸, Pereira^{39,26,27}, Pereira; Romero¹⁵, Pereira; Andrade; Romero⁴⁰, Pereira et al.⁴¹, Nolasco⁴², Sampaio^{43,23,5} e Zuzzi; Sampaio⁴⁴ comprovam quão escassa é a produção versando sobre os saberes relativos ao ser homem. Nestas, embora algumas apresentem como objeto de estudo as mulheres, fazem inserções aos homens como contraponto. Esse fato nos revela, então, que os estudos do gênero masculino na esfera da cultura da corporeidade em movimento ainda se encontram incipientes¹⁷ e restritos ao maniqueísmo.

É, por exemplo, durante o trabalho pedagógico, como uma das esferas em que nos movemos na cultura,

que percebemos a delimitação de nosso conhecimento quando o professor ou a professora aborda, por exemplo, o corpo do aluno. Quem nunca ouviu frases como: “*homem não chora!*”, “*menino não brinca de roda!*” ou ainda “*homem não dança*” “*mulheres são frágeis e homens são fortes*”, “*isso é coisa de mulher ou coisa de homem*”, “*mulher é mais emotiva e homem mais racional*”. Frases como estas questionam nossas práticas nas quadras, nos pátios e salas fechadas, mas que tendem a ser silenciadas ao longo da carreira docente. Estas dentre “outras formulações, são parte do repertório histórico-cultural construído e em cada um deles há um repositório de poder que necessariamente precisa ser avaliado, quantificado e qualitativamente identificado”⁵(p. 131).

Nesses casos, é fundamental que se questione o modelo que tem servido como parâmetro de referência às atividades ditas femininas ou masculinas. Fazendo um corte e reportando-se às atividades físicas, sua prática no universo masculino sempre foi vista como uma importante fonte de experiência para a afirmação da masculinidade e como uma barreira contra a feminilização^{29,45,46,43,23,5,47} considerando a ideia de que os homens também buscavam o embelezamento de seu corpo por meio da prática de exercícios, aumentando o delineamento e o volume de seus músculos; contudo, o ser masculino sempre esteve associado à ideia de força e domínio do corpo.

Vertinsky⁴⁸ ressalta que o determinismo biológico, baseado nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, era o suporte utilizado pelos profissionais da área médica para, num primeiro momento (de 1930 a 1980), impedir a prática de determinados esportes pelas mulheres e, posteriormente (a partir da década de 80), justificar as desigualdades nas práticas de exercícios físicos. Ele revela atividades físicas concebidas sob uma ótica sexista, revestidas de valores e significados diferenciados entre os gêneros. Nesse mesmo sentido, corroboram os estudos de Soares⁴⁹, Louro^{10,11} e Goellner⁵⁰⁻⁵², apresentando que as restrições ao corpo mulher para o esporte e a atividade física, passa posteriormente a ser inverso ao postulado das primeiras

décadas do século XX, mas mantendo o eixo de preservação da feminilidade e as condições para uma boa e saudável maternidade. O esperado para o gênero feminino permanece em seu eixo organizador. Sendo assim, discutir a masculinidade como múltipla na Educação Física talvez ainda se configure como uma movimentação solitária em uma área que, por tradição na pesquisa acadêmica, construiu o seu campo particular de discussões de gênero inicialmente a partir dos estudos sobre mulheres e dos binarismos.

Cunha Júnior³⁵ (2000) faz apontamentos quanto à necessidade desse olhar incluindo as masculinidades nos estudos de gênero na Educação Física brasileira, seguindo a movimentação de outras áreas como a Psicologia e a Antropologia, que já antecessoras nos estudos das masculinidades vêm pesquisando sobre o tema. Perspectiva também encontrada nos trabalhos de Sampaio^{53,23} e Sampaio; Silva⁵⁴ sobre os estudos do lazer. Assim considerando, assinalamos a importância e o interesse em discutir o conceito de gênero neste estudo por este ser entendido como um processo social, histórico e cultural que institui diferenças entre homens e mulheres, incluindo a produção mútua de masculinidades e feminilidades, sem pensar, exclusivamente, numa subordinação feminina, mas que se evidencia por meio de relações de poder. “Trata-se de identificar o “poder ser” e o “não poder ser”, ou em outras palavras o “empoderar” ou “desempoderar” mulheres e homens, negros e brancos para viverem sua experiência relacional cotidiana e sua humanidade integral”⁵(p.133).

Os estudos sobre a temática da construção de masculinidades e feminilidades como identidade cultural ganharam impulso no Brasil a partir da década de 80, com os estudos culturais dos diversos laboratórios dos programas de Pós-Graduação Stricto Sensu das universidades; na Educação Física, com a inserção de diversos professores nos programas de Antropologia, Educação, Sociologia e Psicologia^{55,56,52} (por exemplo, no caso da Educação Física). À necessidade de abordar o tema da identidade cultural, Hall⁵⁷ destaca três concepções de identidade cultural, a saber: 1- Sujeito do

Iluminismo; 2- Sujeito sociológico e; 3- Sujeito pós-moderno.

De uma forma geral, está "o sujeito do Iluminismo baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação"⁵⁷ (p. 10). Nessa concepção, a identidade social "costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tomando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis"⁵⁷ (p. 12). No entanto, a identidade pós-moderna, "é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente"⁵⁷ (p. 13).

Um alicerce importante é o conceito de masculinidade, à luz de Connell¹² (p. 189), como uma "configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero". Configuração de prática, nesse sentido, situa-se em torno do que os homens verdadeiramente fazem, e não do que é esperado que eles fizessem. Concomitantemente, existe mais de uma configuração na ordem de gênero de qualquer sociedade, o que abre precedentes para se falar de "masculinidades" no plural⁵. As relações de gênero englobam, nesse sentido, as "relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela"¹² (p.189).

Os estudos sobre masculinidades para a comunidade científica advém do movimento feminista, entre os anos 60 e 70, ao promover críticas às desigualdades sociais baseadas nas diferenças sexuais. A partir de Guedes⁵⁸, nesse momento histórico refletiu-se a situação da mulher e a construção da feminilidade, e que de certo modo, secundarizou os estudos sobre o masculino. Nos anos 1980, inquietações acerca da formação social e cultural da masculinidade, apresentam claramente vínculos com as conquistas dos movimentos feministas e, mais recentemente, dos homossexuais. Cunha Júnior e Melo⁵⁹ foram os pioneiros nos estudos

desses últimos, delineando o intuito de inseri-los nas pautas de discussões, legitimá-los e repensar as questões ligadas à homossexualidade, com vistas a enfrentar a perspectiva da heteronormatividade. Os estudos sobre os homens não pode prescindir da origem de suas discussões relacionadas aos movimentos feministas, os quais podem ser considerados a alavanca para os estudos sobre problemática da masculinidade^{33,60}.

Diversas são as contribuições da área das ciências sociais e humanas ao tema em nível internacional e nacional, dentre os quais destacamos os estudos de Scott⁴, Bourdieu⁶², Connell¹², Coakley⁶² e Hargreaves⁶³, já no âmbito nacional, destacam-se Louro¹⁰⁻¹¹, Nolasco^{32-34,60}, Almeida, M.I.¹³ e Goldenberg⁶⁴.

O homem vive as emoções de forma diferente da mulher, sublimando seus sentimentos, pois se em algum momento isto vier a ocorrer inversamente, ele estará fugindo do modelo de uma tonalidade de masculinidade heterossexual que lhe foi concebida socialmente⁶⁶. A masculinidade hegemônica descrita por Sabo⁶⁵ apresenta um homem racional e emocionalmente diferente. É ele quem detém o poder sociopolítico e econômico. O processo cultural é responsável por criar estas amarras, pois "curiosamente o que os desqualifica em sua masculinidade é o que, em princípio, qualifica o gênero feminino. Os qualificativos culturais normativos de um gênero são usados para desqualificar comportamentos não esperados como próprios do outro gênero"⁵ (p. 134).

"Desde a Antiguidade, o corpo masculino é liberado do pudor e se exime de pretender igualdade com o corpo feminino. O homem resignou-se ao papel de fazer contraste com o corpo feminino"²⁶ (p. 95). O corpo masculino até o final do século passado não encontra-se no processo de "exibicionismo do ser masculino, mas o narcisismo volta à cena competindo em igualdade de condições com o corpo feminino, esse sim, mensurável em centímetros sem desafiar a moral"²⁶ (p. 95).

A expressão da corporeidade na cultura, para o masculino tem criado a cada dia maiores exigências, pois além de ser bonito, tem que gostar de cuidar-se em todos os detalhes, cabelos, unhas, pele, tanto quanto do físico⁶⁷. A imagem metrosssexual e a sensibilidade daí resultantes

não parecem mais comprometer a virilidade. Para além do metrosssexual, a mídia vem difundindo as “novas masculinidades”, as quais são (re)construídas constantemente. Para o autor, trata-se de personalidades aspirantes à imagem idealizada de como ser homem na sociedade, entretanto, desde que estejam entre os extremos: nem bruto demais, nem frágil demais. Fora desse parâmetro, os homens, em geral, estarão fora dos padrões que a sociedade lhes garante.

O masculino é educado para a superioridade: competitivo, ativo, destemido, independente, racional e intelectual; enquanto as mulheres são educadas para serem emocionais e sentimentais, cabendo às próprias o papel de defensoras e reprodutoras desse modelo machista. As qualidades humanas recebem enquadramentos masculino ou feminino e, nessa diferença, confere mais poder aos homens. O homem moderno é produto da cultura e,

tornou-se vítima de suas próprias bravatas. Criou personagens que encarnam lutadores tenazes enfrentando máquinas mortíferas, "batman" e "rambos" - e criou também membros musculosos e de potência ilimitada, heróis com os poderes que tanto os padrões sociais lhe oferecem. É cobrado desse padrão/modelo de masculino a virilidade, a racionalidade, o machismo e a voracidade²⁶ (p. 96).

Desta perspectiva, o masculino “inadequado” (na fala, na vestimenta e, sobretudo, no corpo), porém “real”, se transforma de homem forte a ridículo, e questões que envolvem a masculinidade agora tendem a ser tratadas como ultrapassadas⁶⁰. O processo de dominação masculina, explicitada na obra de Bourdieu⁶¹, compõem-se da perspectiva de um maior valor ao masculino sobre o feminino. Nessa assimetria de valoração cultural, todo o poder e prestígio estão em corresponder ao ideal masculino de estar na sociedade, como forma de galgar espaços de reconhecimento social.

Outro aspecto importante diz respeito às questões relacionadas à sexualidade, as relações de construção cultural do corpo ocupam um lugar central^{11,68,65}. Há um vínculo básico entre o gênero de uma pessoa e suas características biológicas, que a definem como do sexo feminino ou do sexo masculino, porém, isto não é um determinante: ser do sexo feminino não restringe a construção social às bases da feminilidade⁶⁹. O mesmo

vale para os indivíduos do sexo masculino. Nesse sentido, o gênero é entendido como algo que está presente desde o momento do nascimento, manifestando-se de formas distintas segundo as fases da vida. Seu desenvolvimento é fortemente marcado pela cultura e pela história, já que cada sociedade cria regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual dos indivíduos.

Os processos vivenciados desde as brincadeiras de infância, junto ao mundo dos brinquedos, por exemplo, vão empoderando mulheres e homens para algumas vivências e desempoderando para outras. A construção da subjetividade e da identidade relacional no mundo vai sendo autorizada ou desautorizada pelas representações do mundo adulto que são vividas nas brincadeiras e são por ele reforçadas ou reprimidas⁵ (p. 134).

A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo⁷⁰. A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos⁶⁸.

As vivências corporais se caracterizam, entre outros aspectos, por serem espaços de produção simbólica, de linguagens por meio das quais homens e mulheres se relacionam e se comunicam uns com os outros e com a sua própria cultura. Jogar, lutar, dançar e brincar podem representar, portanto, a possibilidade de expressar afetos e sentimentos, de explicitar desejos, de seduzir, de exhibir-se. Essa comunicação ocorre dentro de certos padrões estabelecidos pela própria cultura, o que envolve valores, normas, atitudes, conceitos e, inevitavelmente, preconceitos^{40,71,72}. Segundo Claudia Vianna e Sandra Unbehaum⁷³ (p.90), “A linguagem como sistema de significação é, ela própria, expressão da cultura e das relações sociais de um determinado momento histórico”.

A compreensão de vivências corporais e movimento humano com intencionalidade encontra guarida em Darido et al.⁷⁴ (1999), Daolio^{75,76}, Saraiva²¹, Sousa⁷⁷, Sousa; Altmann⁷⁸, Rosário; Darido⁷⁹, Rufino; Darido⁸⁰, Goellner⁵¹⁻⁵³, Romero; Pereira⁸¹, Sampaio^{54,23},

Devide et al.¹⁷, e Zuzzi; Sampaio⁴⁴ como sendo uma infinidade de experiências dentro da Educação Física que não se resumem apenas ao esporte, mas compreendem as danças, os jogos, as ginásticas, as lutas, a capoeira, o circo, o lazer, entre outros e permitem a compreensão das mais amplas manifestações da cultura na área em estudo, a Educação Física.

Para a criança, essas práticas consistem em um instrumento interessante de comunicação e construção de autoimagem, mas podem também, se certos cuidados não forem tomados, constituir-se num contexto ameaçador e desfavorável para essa mesma autoimagem. O brincar da criança é um momento de grande expressão das construções de gênero que vão sendo desenvolvidas^{22,72,82}. O universo sociocultural, permeado de valores preestabelecidos de beleza, de estética corporal e gestual, eficiência e desempenho, se não for objeto de uma postura crítica e reflexiva, pode estabelecer padrões cruéis para a maioria da população, abrindo espaço para a tirania dos modelos de corpo e de comportamento, criando um controle sobre a corporeidade que se manifesta na perspectiva de um ritual religioso, que requer da penitência ao sacrifício⁸³.

Na esteira de Louro¹¹, Saffioti⁶ e Sabo⁶⁵ há uma considerável variação nos papéis representados por homens e mulheres em diferentes sociedades. As diferenças existentes nas atitudes, nos comportamentos e nos interesses parecem, em muitos casos, prontamente explicáveis pela referência a fatos culturais – as maneiras pelas quais as crianças são educadas, os modelos de comportamento e papéis que os indivíduos adjudicam para si e as expectativas ligadas aos homens e às mulheres.

As meninas ganham bonecas de presente, são incentivadas a brincar de "mamãezinhas" e a se comportarem como "senhorinhas". São recompensadas quando se portam à "maneira feminina" e é provável que sejam repreendidas ao imitar os companheiros masculinos. Por outro lado, podemos constatar que meninos são presenteados com revólveres de brinquedo, bolas, bonecos de super-heróis da TV, carrinhos de controle remoto, videogames de jogos de combate, entre

outros. Espera-se que sejam agressivos, é mais provável que possam sujar-se sem sofrer repressões, a eles é permitido extenuar-se fisicamente em atividades como correr, saltar, trepar, chutar e comporta-se, de várias maneiras, como "verdadeiro menino". Quando não conseguem satisfazer a essas expectativas ganham o desagradável epíteto de "mariquinhas"; a eles é forçoso que se adaptem ao comportamento masculino esperado e apropriado. Não é de se admirar, portanto, que as meninas se comportem, geralmente, como senhoras e que os meninos geralmente se comportem como senhores^{41,22,23,18,82,72}.

Para a Educação Física, que atua no e sobre o corpo, construindo e reconstruindo-o, importa compreender como esta temática emerge no cotidiano, nos conflitos verbais que interferem nas relações sociais, na impossibilidade do exercício pleno do agir, viver e deixar viver. É de significativa relevância que a produção simbólica da Educação Física coopere para a produção de uma linguagem em que o ser humano possa sentir-se plenamente presente em sua diversidade de feminilidades e masculinidades.

Considerações finais

À guisa de conclusão desta revisão crítica descritiva as primeiras impressões são que os estudos sobre as temáticas "Gênero" e "Educação Física", "Masculinidades", "Feminilidades" e "Educação Física", apontam-nos para um terreno fértil e promissor no que diz respeito à contemporaneidade e a abrangência teórica no universo da ciência com a qual esta área de saber dialoga. A presente revisão confirma que aspectos relacionados às "construções" das relações de gênero têm fundos socioculturais e históricos. Destarte, somos levados a inferir que a Educação Física, ao que tudo indica, vem atuando como legitimadora e reprodutora de uma ideologia hegemônica, sexista, patriarcal e machista, sedimentando o *status quo*. Assim considerando, podemos sublinhar que os modelos de corpo expressos nas mais variadas práticas da educação física, na qual se categorizam as atividades dentre aquelas ditas femininas e aquelas ditas masculinas, entre outros, ainda são

construídos desprovidos de qualquer fundamentação teórica que aborde a questão sociocultural e histórica dessa temática no movimento humano.

Com base nas discussões teóricas, os mecanismos encontram-se no próprio modo de produção machista e preconceituoso, em que a escola e a família estão inseridas, assumindo o papel de reprodutoras desta ideologia dominante. Sob esse olhar antropológico cultural, podemos afirmar que todo e qualquer indivíduo nasce no contexto de uma cultura e, ao longo de sua vida, ajuda a produzi-la ou pode reconstruí-la. Não existe ser humano sem cultura, mesmo que não saiba ler, escrever e fazer contas. Ela é sua essência. É como se fosse possível dizer que o ser humano é biologicamente incompleto e não se torna ser sozinho, sem a participação das pessoas e do grupo que o gerou.

Esta revisão de literatura em diálogo com a área da Educação Física não teve a pretensão de esgotar a complexidade das situações abordadas sobre o assunto, mas contribuir para ampliar o debate que é fundamental. Buscou-se trazer subsídios para a conscientização dos profissionais da área frente às questões pertinentes ao processo de construção social das relações sociais de gênero e das masculinidades e feminilidades que perpassam o cotidiano escolar. Acreditamos que a abordagem crítica da relação feminino/masculino nos dois espaços, o da sala de aula e o da Educação Física, possa contribuir para o entendimento da diferença na construção desse processo, abrindo caminho para novas propostas de estudo.

A literatura na qual nos apoiamos nos autoriza a concluir que grande parte da nossa identidade cultural constrói-se a partir da reprodução dos modelos culturais existentes e da aceitação das regras vigentes na sociedade, sem questioná-las, não como algo definitivo, mas como predominante. Realidade esta passível de mudança se a concebermos como uma construção social sobre o biológico e não um determinismo imutável. Sendo assim, pensamos que a não-tipificação pelo sexo das atividades e jogos seria um indicativo de mudança, mostrando o respeito às singularidades de cada pessoa, em atendimento às suas necessidades biofísicas, emocionais e sociais, o

que contribuiria positivamente para o seu saudável desenvolvimento e a desnaturalização da estreita relação entre sexo e gênero que se reproduz em atividades tidas como próprias para mulheres e próprias para homens. Portanto, as pessoas devem ser incentivadas a participar de todas as atividades escolares, lúdicas ou não, de maneira igualitária, sem diferenciação pelo sexo, e que, em sua realização, possam usufruir plenamente sua corporeidade e integralidade.

Referências

1. Freire, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
2. Freire, AMA. (org.). **Pedagogia dos Sonhos possíveis**: Paulo Freire. São Paulo, UNESP, 2001.
3. Carvalho, MEP; Pereira, MZC. (orgs.). **Gênero e Educação**: Múltiplas Faces. João Pessoa: Universitária, 2003.
4. Scott, JA. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. 1995;20(2):71-99.
5. Sampaio, TMV. A justiça social em perspectiva de gênero e raça. IN: Oliveira, JLM e Siveres, L (orgs.). **Ensaio sobre justiça social**: refazendo o caminho da vida e da paz. Brasília. Universa, 2009, p. 125-146.
6. Saffioti, H. **O poder do macho**. São Paulo: Ed. Moderna; 1987.
7. Costa, AO, Bruschini, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
8. Moraes, MLQ. Usos e limites da categoria gênero. In: **Cadernos Pagu** 1998; (11):99-105.
9. Piscitelli, A. Gênero em perspectiva. In: **Cadernos Pagu**. 1998; (11):141-155.
10. Louro, G. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: VEIGA-NETO, (org). **Crítica pós-estruturalista a educação**. Porto Alegre: Sulina; 1995.
11. Louro, G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes; 1997.
12. Connell, R. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**. 1995;20(2):184-206.
13. Almeida, MI. **Masculino e feminino**: tensão insolúvel, sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco; 1996.
14. Almeida, M. Dimensões da masculinidade no Brasil. **Cadernos do núcleo transdisciplinar de estudos de gênero** (NUTEG). Niterói: EDUFF; 2000;1:29-38.
15. Pereira, EGB, Romero, E. "... para ser macho não pode negar fogo, tem que ser viril. Então não tem nada a ver com a dança". **Revista da FAGED**. Faculdade de Educação da UFBA. 2004;(8):139-55.
16. Romero, E. Do corpo docilizado na *Aufklärung* ao corpo generificado no século XXI. In: DANTAS, EHM (org). **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: Shape; 2005.
17. Deive, FP, Osborne, R, Silva, ER, Ferreira, RC, Clair, ES, Nery, LCP. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**. 2011;17(1):93-103.
18. Goellner, SV. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: UNIJUÍ, 2003a.
19. Goellner, SV. A produção cultural do corpo. In: Louro, GL, Neckel, JF, Goellner, SV (orgs.) **Corpo, Sexualidade e Educação**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003b.
20. Goellner, SV. "As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte": esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Revista de História do Esporte**, 2008; 1(1): 35-56.
21. Saraiva, MC. **Co-Educação Física e Esportes**. Quando a diferença é mito. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.
22. Sampaio, TMV. Conhecimento científico: capacidade humana de intervir reinventando e revertendo a sina severina. In: Wagner Wey Moreira; Regina Simões. (org.). **Educação Física**: intervenção e conhecimento científico. 1ed. Piracicaba: UNIMEP, 2004, v. 1, p. 176-194.
23. Sampaio, TMV. Gênero e Lazer: Um binômio instigante. In: MARCELLINO, NC. (org.). **Lazer e Sociedade, múltiplas relações**. Campinas, SP: Alínea, 2008.
24. Louro, G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes; 1997.
25. Luz Júnior, A. **Educação Física e Gênero**: olhares em cena. São Luís: Imprensa UFMA/CORSUP; 2003.
26. Pereira, EGB. Discutindo gênero, corpo e masculinidade. In: Romero E, Pereira EGB (orgs.). **Universo do corpo**: Masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape; 2008.
27. Pereira, EGB. O masculino na Educação Física infantil: discursos e imagens. **Revista Brasileira de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana**. 2010;2:74-8.
28. Messner, MA, Sabo, DF. (editors). **Sports, men and gender order**: Critical feminist perspectives. Champaign: Human Kinetics; 1990.

29. Macdonald, D. Conhecimento, gênero e proletarização na formação do professor de educação física. In: Romero, E, (org.) **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus; 1995.
30. Guedes, SL. **Jogo de corpo**: um estudo de construção social de trabalhadores. [Tese de Doutorado em Antropologia Social]. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1992.
31. Guedes, SL. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF; 1998.
32. Nolasco, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco; 1993.
33. Nolasco, S. **A desconstrução do masculino**: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: Nolasco, organizador. Rio de Janeiro: Rocco; 1995.
34. Nolasco, S. Na televisão, representações masculinas e femininas na televisão. In: Jacobina, Kühner, (orgs). **Feminino/masculino no imaginário de diferentes épocas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1998.
35. Cunha Júnior, CF. **Gênero e história**: apontamentos de uma pesquisa sobre a masculinidade e Educação Física. Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e dança. Gramado, 2000. p. 396-400.
36. Knijnik, JD, Machado, AA. Bailarinos do esporte: notas sobre novas masculinidades em campo. In: Romero E, Pereira EGB, organizadores. **Universo do corpo**: Masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape; 2008.
37. Melo, VA, Vaz, AF. Cinema, corpo, boxe: reflexões sobre suas relações e notas sobre a questão da construção da masculinidade. In: Romero E, Pereira EGB, (orgs.) **Universo do corpo**: Masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape; 2008.
38. Monteiro, M. Corpo, biologia e masculinidade. In: Romero E, Pereira EGB, organizadores. **Universo do corpo**: Masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape; 2008.
39. Pereira, EGB. **A construção sociocultural do corpo masculino nos discursos de graduandos em educação física**. [Dissertação de Mestrado em Ciência da Motricidade Humana]. Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco; 2002.
40. Pereira, EGB, Andrade, GM, Romero, E. As masculinidades no futebol: o que falam e como veem os alunos de Educação Física. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. 2011;10(5):37-44.
41. Pereira, EGB, Andrade, GM, Boães, MFCV, Romero, E. "Até pode ter, mas não precisa demonstrar ou assumir! ninguém precisa saber!": discursos dos alunos de educação física sobre as masculinidades do futebol. **FIEP Bulletin**, 2012;82:1-7.
42. Nolasco, S. **O primeiro sexo e outras mentiras sobre o segundo**: as questões que mais estão mexendo com a cabeça dos homens. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2006.
43. Sampaio, TMV. Avançar sobre Possibilidades: horizontes de uma reflexão ecoepistêmica para redimensionar o debate sobre os esportes. In: Moreira, WW. e Simões, RR. (orgs.). **Esporte como Fator de Qualidade de Vida**. Piracicaba, UNIMEP, 2002, p. 85-99.
44. Zuzzi, RP, Sampaio, TMV. Gênero: corporeidade e cultura: a realidade da Educação Física escolar . IN: Gaio, R, Gois, AA; Batista, JCF (orgs.). **A ginástica em questão**: corpo e movimento - 2.ed. - São Paulo: Phorte, 2010, p. 239-263.
45. Lima, R. On the rocks: Corpo e gênero entre os escaladores do Paraná. **Cadernos Pagu**. 1995;5:149-64.
46. Sabo, D. O estudo crítico das masculinidades. In: Adelman, M, Silvestrin, A (orgs). **Gênero Plural**. Curitiba: UFPR; 2002.
47. Malysse, S. **Em busca dos (H)alteres-ego**: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: Goldenberg, M, (org.) Rio de Janeiro: Record; 2002.
48. Vertinsky, P. **The Eternally Wounded Women**. New York: Manchester University Press; 1990.
49. Soares, CL. **Educação Física**: Raízes Europeias e Brasil. 2ª. ed. Campinas: Autores associados, 2001.
50. Goellner, SV. A produção cultural do corpo. In: Louro, GL, Neckel, JF, Goellner, SV (orgs.) **Corpo, Sexualidade e Educação**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003b.
51. Goellner, SV. Mulher e Esporte no Brasil: fragmento de uma história genericada. In: Simões, AC; Knijnik, JD (orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004: 359-374.

52. Goellner, SV. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Revista de História do Esporte**, 2008; 1(1): 35-56.
53. Sampaio, TMV. Tecendo cultura com mediações que unem corpo, saúde e lazer. **Revista Movimento**. Porto Alegre: UFRGS. 2006a; 12(3):73-96.
54. Sampaio, TMV; Silva, JVP. **Lazer e Cidadania: Horizontes de uma Construção Coletiva**. Brasília, Universa, 2011.
55. Daolio, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados; 2004.
56. Goellner, SV. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003a.
57. Hall, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Ed.; 2001.
58. Guedes, SL. **O futebol brasileiro: instituição zero**. [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social]. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1977.
59. Cunha Junior, CF, Melo, VA. Homossexualidade, Educação Física e esporte: primeiras aproximações. **Revista Movimento**. 1996;3(5):1-7.
60. Nolasco, S. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em Sociedades contemporâneas ocidentais**. Rio de Janeiro: Rocco; 2001.
61. Bourdieu, P. A dominação masculina. **Educação e Realidade**. 1995;20(2):133-84.
62. Coakley, J. Gender: Is equity the only issue? In: *Sport en Society. Issues and Controversies*. Center for the Study of Sport and Leisure. 20. ed. University of Colorado. Colorado Springs: Brown & Benchmark, 1994: 208-238.
63. Hargreaves, J. **Critical issues in the history and sociology of women’s sports**. London and New York: Routledge, 2003.
64. Goldenberg, M. A outra: uma reflexão antropológica sobre a infidelidade masculina. In: Nolasco, S. (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco; 1995.
65. Sabo, D. O estudo crítico das masculinidades. In: Adelman, M, Silvestrin, A (orgs). **Gênero Plural**. Curitiba: UFPR; 2002.
66. Teves, N. “Corpo e Esporte: símbolos da sociedade contemporânea”. In: Moreira, WW e Simões, RR. **Fenômeno Esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: UNIMEP, 2000.
67. Vitelli, C. Corpos e "modelos" de masculinidades: o foco nas mídias. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. 2012;19(2):355-72.
68. Oliveira, PPA. **Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG/IUPERJ; 2004.
69. Farinatti, PTV. **Pesquisa em Educação Física no Brasil: por um compromisso com a evolução**. In: Faria Jr, Farinatti (orgs). *Pesquisa e produção do conhecimento em educação física*. SBDEF. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico; 1992.
70. Camargo, AM, Ribeiro, C. **Sexualidade(s) e Infância(s): como um tema transversal**. Campinas/SP: Moderna; 2003.
71. Gonçalves, RS. Da menina meiga à heroína superpoderosa: infância, gênero e poder nas cenas da ficção e da vida. **Cad. CEDES**. 2012; 32(86):117-136.
72. Leite, MIFP. Brincadeiras de menina na escola e na rua: reflexões da pesquisa no campo. **Cad. CEDES**. 2002;22(56):63-80.
73. Vianna, CP, Unbehaum, S. O gênero nas Políticas Públicas de Educação no Brasil: 1988-2002. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, 2004; 34(121):77-104.
74. Darido, SC, Galvão, Z, Ferreira, La, Fiorin, G. Educação Física no ensino médio: reflexões e ações. **Motriz**. 1999;5(2):138-45.
75. Daolio, J. A Construção Cultural do Corpo Feminino ou o Risco de Transformar Meninas em Antas. In: ROMERO, E (org.). **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.
76. Daolio, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados; 2004.
77. Sousa, ES. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Tese de Doutorado. (Faculdade de Educação Física da UNICAMP). Campinas: UNICAMP, 1994.

78. Sousa, ES e Altmann, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. In: **Cadernos Cedes**. 1999; ano XIX(48):52-68.
79. Rosario, LF, Darido, SC. A sistematização dos conteúdos da Educação Física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**. 2005;11(3):151-62.
80. Rufino, LGB, Darido, SC. Possíveis diálogos entre a Educação Física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. **Conexões**. 2013;11:144-70.
81. Romero, E, Pereira, EGB. (orgs.). **Universo do corpo**: masculinidades e feminilidades Rio de Janeiro: Shape, 2008.
82. Finco, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil, In: **Pró-posições**. UNICAMP. Dossiê: Educação Infantil e gênero. 2003;14-n.3(42):89-101.
83. Sampaio, TMV. Corpo Ativo e Religião. In: MOREIRA, WW. (org.). **Século XXI**: a Era do Corpo Ativo. Campinas: Papyrus, 2006b.